

Pensar o sexo: da utopia à subversão?



Grégoire Niehaus &
David Rumeau

Doutorandos em Sociologia/UPV - Montpellier III

DESDE 1999 os membros do EROSS (*Equipe de Recherche sur l'Ordre Sexuel Symbolique*) reúnem-se para pensar o sexo. Este livro dá continuidade ao congresso organizado em Montpellier, no mês de abril de 2002, sobre o tema: “Ordem Sexual Simbólica: permanências/mudanças?”

O sexo designa, em geral, a distinção do caráter físico entre os indivíduos machos e fêmeas de cada espécie. Os movimentos feministas e homossexuais elaboraram suas reflexões sobre o tema para desconstruir os saberes existentes, fonte de discriminação e preconceitos. A finalidade desta reflexão foi a produção de novos conhecimentos sobre o tema da sexualidade.

A concepção da obra é orientada pela utopia e pela subversão. Entretanto, ressalta-se que a riqueza destas problemáticas faz emergir três temas centrais: a teoria científica, a política e a identidade sexual.

Charles Fourier é um dos autores precursores no domínio de todas as reflexões sobre a sexualidade. Por esta razão não é espantoso vê-lo ocupar um espaço preponderante nesta obra. Patrick Tacussel e Michel Brix introduzem o autor e partilham com o leitor sua problemática. Tacussel constata que, apesar da desordem e da desaprovação de sua reflexão pelos pensadores da época, seu pensamento ocasionou uma cisão no imaginário e na cultura europeia do amor. Brix, por sua vez, aborda a organização social em “Harmonia”, de Charles Fourier, obra calcada na sexualidade sem entrave nem interdito, a fim de colocar em dúvida as virtudes femininas associadas a estas teorias.

Segundo Ludovic Gaussot, a utopia feminista teve um papel importante na mudança social, pois ela permitiu “modificar ou eliminar, mas, antes disso pensar” a realidade sexual. Esta reflexão vai ao en-

contro de Philippe Liotard, para quem pensar o sexo é uma urgência intelectual que contribui para a compreensão dos laços sociais. É preciso ter em mente que o sexo é, antes de tudo, uma prática não produtiva baseada no prazer. Apesar disso, o sexo continua subversivo e cada sociedade procura colocá-lo em forma.

A dimensão política da sexualidade emergiu na segunda metade do século XX, quando apareceram os movimentos feministas e homossexuais questionando a heteronormatividade e a dominação sexual. Estes movimentos lutam pela denúncia das discriminações e pelo reconhecimento da igualdade de direitos. Seguindo esta orientação, Geneviève Duché faz uma dupla constatação das relações entre homens e mulheres. A primeira, a partir de um estudo empírico, mostra os avanços, as estagnações e as resistências da igualdade. A segunda analisa as relações sociais entre os sexos partindo de trabalhos contemporâneos de antropólogos e filósofos. Marie-Hélène Bourcier afirma que as políticas das diferenças não são novas identidades sexuais unitárias, mas políticas culturais que posicionam-se na transversal contra toda identidade superior, exclusivista, normativa e inevitavelmente marginalizante. De maneira inovadora e original, Christa Dumas aborda esta temática através da sedução contemporânea. Ela sustenta a hipótese de que a sedução é construída sobre uma visão exclusivamente androcêntrica do mundo, encontrando dificuldades para se impor como um esboço de igualdade entre os sexos.

A multiplicação das identidades sexuais é fruto da emergência dos movimentos homossexuais e feministas que transformaram a ordem sexual estabelecida. Nos últimos anos a identidade homossexual tornou-se uma identidade construída que fez a sexualidade perder seu *status* de dádiva. Maks Banens propõe pensar a construção da homossexualidade que, segundo ele, é uma categoria social recente. Para contrabalançar este espaço dedicado

ao estudo da identidade homossexual, Natasha Chetcuti reflete sobre a transgressão, pelas lésbicas, da ordem sexual estabelecida, constatada pelo seu modo de vestir e suas representações sexuais. Nestas duas análises percebe-se que a sexualidade não é mais uma simples escolha, mas uma verdadeira tomada de posição cotidiana. Gaële Métivier, que trabalha sobre o fenômeno dos *queers*, assinala que estes últimos desconstruem a identidade do indivíduo através da liberação do corpo, corpo social, corpo sexuado, corpo do prazer. Podemos verificar, dessa maneira, que as diferentes reflexões sobre as identidades sexuais têm uma incidência sobre as relações heterossexuais. Delphine Mandin levanta a hipótese da importância que teria um novo modelo de família heteroparental, onde as relações entre cônjugues seriam igualitárias. Por fim, Christelle Pechdo interroga-se sobre a divisão e o cumprimento dos afazeres domésticos que continuam, na maioria dos casos, uma responsabilidade das mulheres .

Nota

EROSS (Org.). *Penser le sexe... De l'utopie à la subversion?*. Les Cahiers de l'IRSA, N°6, Université Paul Valéry, setembro de 2004, 304pp.